

Ilustres convidados

Senhores Professores, Investigadores, Funcionários administrativos e técnicos

Caros Estudantes

Minhas Senhoras e meus Senhores

A cerimónia de abertura do ano académico marca, em cada ano, a renovação permanente da Universidade. Com ela celebramos a chegada dos novos estudantes, ávidos de conhecimento, e a saída dos novos graduados, imprescindíveis ao desenvolvimento do nosso país.

E é assim que as universidades, apesar de seculares, se mantêm sempre jovens, irreverentes e criativas.

Para os novos estudantes e aos recém-graduados uma primeira e breve palavra. Espero que a Universidade de Lisboa além de vos proporcionar uma preparação cultural, científica, técnica e artística do mais alto nível, consiga ter a sabedoria de transmitir também os valores que permitem o desenvolvimento das nações.

Que saiba educar para a mudança.

Que consiga criar nos jovens o interesse pelas instituições, pelo país e pelo mundo. A vontade de contribuir, de participar, de trazer novas ideias e energia a Portugal.

Que nos ofereçam um outro olhar, uma nova visão. O país precisa de respirar a frescura das novas gerações.

Que semeie a vontade de arriscar, de arriscar construir as nossas *Googles*, as nossas empresas tecnológicas e de serviços ...

Sem inibição, sem medo de falhar. Com perseverança. Avançando mais uma vez, se correr mal. Com a energia de quem tem objetivos, de quem sabe o caminho.

A Universidade estará presente e ajudará na criação de *start-ups*, no acesso a capital de risco e no alojamento das empresas nas nossas incubadoras.

É sempre importante recordar que, no passado, foi com os nossos graduados que começaram e se fizeram algumas das nossas maiores empresas. A EDP, a PT, ou a TAP.

É inquietante testemunharmos que nem sempre somos capazes de preservar tudo aquilo que construímos. Temos de avaliar e tirar consequências. Aprender a lição e prosseguir.

A sorte das nossas empresas de elevado valor tecnológico e estratégico é também uma preocupação da Universidade, porque nestas empresas criam valor muitos dos nossos graduados. Porque nestas empresas se joga o futuro do país. Com a bússola no conhecimento e na inovação.

Há também que meditar acerca da situação atual da administração pública. Depois de sucessivos anos de desvalorização de quadros e descapitalização da nossa administração começam a sentir-se preocupantes sinais de desgaste e de perda de capacidade da máquina administrativa do Estado. É tempo de parar e repensar. Agora, antes que seja tarde demais.

Hoje é ainda o momento em que celebramos os nossos melhores.

É o caso do Prof. Adriano Moreira. Exemplo de académico aberto à sociedade. De mente jovem e sempre disposta aos novos desafios. Com uma visão clara do que foi o mundo, do que poderá ser e de quais as ameaças com que nos confrontamos.

Hoje coube à Senhora Professora Maria da Glória Garcia falar sobre este grande homem, mas não posso deixar de lhe agradecer, Senhor Professor Adriano Moreira, o seu talento, o seu trabalho, os seus ensinamentos, a sua lucidez.

O seu exemplo de vida.

A Universidade de Lisboa completou um ano. Um ano que dá sequência aos anteriores 723 de ensino superior em Lisboa e ao século que passou desde a criação pela República das instituições universitárias. Não sendo ainda o momento para um balanço, devemos desde já procurar verificar o rumo.

É o momento para refletir. Para olhar em frente, com a consciência do que ficou para trás. Para ponderar sobre o caminho a prosseguir. Para refletir sobre os problemas que a atualidade torna prementes.

Prementes para o País e prementes para a Universidade.

Damos início a mais um ano académico, num Portugal enevoado e triste, que ainda não soube ultrapassar a crise em que vem vivendo.

Um Portugal que, mantendo o desinvestimento na educação, e desvalorizando a função do ensino superior, regista preocupantes níveis de desemprego e emigração, sobretudo afetando os mais jovens.

As Universidades têm aqui um papel inestimável. Na nossa renascida Universidade, temos a competência científica e técnica para fazer a diferença, para marcar o rumo. Não nos furtaremos a esse desígnio.

Hoje, na Universidade de Lisboa somos cerca de 55 000 pessoas, das quais quase 50 000 são estudantes. Integramos um imenso património científico e cultural, representamos 1/3 do investimento científico nacional, e dinamizamos dezenas de *start-ups* e *spin-offs*.

Ocupamos atualmente uma posição internacional relevante, com uma oferta formativa de grande abrangência e qualidade, com um importante peso da produção científica.

Temos orgulho em pertencer a esta Universidade, que é a nossa, que respeita e acolhe a diversidade, a história diferenciada de cada uma das nossas escolas, e as suas diferentes culturas organizacionais.

Conseguimos inovar, temo-nos adaptado aos sucessivos constrangimentos, às sucessivas e confusas alterações legislativas, à contínua redução orçamental, à impossibilidade de recrutar e manter os nossos melhores

Mas há um limite que não é possível ultrapassar.

Quando tomei posse assinalei um conjunto de ameaças que pendiam sobre a Universidade. Não será ainda este ano que posso anunciar-vos boas novas.

Há um ano falei-vos da liberdade essencial que permitiria à universidade definir as suas próprias políticas de contratação e rejuvenescimento científico. Mas logo um artigo da lei veio restringir o valor da massa salarial ao limite do ano anterior. Um princípio que só pode redundar em redução de efetivos e envelhecimento.

Falei-vos da capacidade de gerir a receita que somos capazes de produzir, com flexibilidade e inteligência. Mas logo uma regra, dita do equilíbrio orçamental, ou uma limitação à despesa plurianual, dita lei dos compromissos, nos veio impedir a utilização eficaz dos nossos recursos ou a programação mais racional do investimento.

Falei-vos da atrofia progressiva do orçamento, que reduziu em mais de metade o valor com que podíamos contar há quase 10 anos. Não será ainda em 2015 que essa tendência será invertida.

Falei-vos da sangria dos nossos melhores investigadores e alunos, que procuram noutros destinos o que o país ainda não lhes consegue oferecer. Mas essa não tem sido uma prioridade na política para a ciência em Portugal.

Contei-vos da aspiração a um planeamento estratégico consistente. Mas tivemos que lidar com variações imprevistas, com cortes não explicados, com compensações de critérios obscuros.

E só este ano, ao longo de um só ano, cada um dos nossos funcionários viu serem-lhe fixados três valores diferentes para o seu salário.

Falei-vos do desejo e da necessidade de simplificar os processos que tanto esgotam os escassos recursos das escolas e dos serviços da universidade. Mas ainda não se pressentem mudanças no horizonte.

Elegi como prioridade um regime de autonomia reforçada que nos foi prometido pelo Senhor Primeiro Ministro. Mas decorrido mais de um ano, nada mudou.

Perguntem aos nossos estudantes, que sentem diretamente a deficiente qualidade das nossas cantinas, se não seria benéfico para todos que nos fosse permitido encontrar soluções mais vantajosas. De facto, atualmente a oferta de alimentação nas cantinas furta-se a qualquer controlo de qualidade por parte da Universidade, estando unicamente condicionada pelo princípio do menor custo, independentemente da qualidade das refeições servidas.

Esta possibilidade de nos governarmos melhor, e com isso prestar melhor serviço aos nossos estudantes e ao país, tem sido uma promessa adiada. Todavia, persiste um estatuto jurídico cuja extinção foi anunciada - o da Universidade fundação - que continua a merecer tratamento preferencial, não havendo qualquer racional de qualidade ou bom governo que permita às restantes instituições beneficiarem das mesmas condições preferenciais.

Como não acredito que tudo isto seja obra do acaso, estou em crer que se trata de uma expressão de escolha e de uma opção estratégica, cujo equilíbrio não podemos deixar de pôr em causa.

As universidades vivem num regime altamente competitivo, altamente internacionalizado, em que só têm futuro as melhores.

Todos os anos a nossa função é escrutinada: pela capacidade de conseguir receita em financiamento competitivo nacional e internacional; pela preferência com que os alunos nacionais e internacionais nos distinguem; pelo preenchimento das vagas que todos os anos disponibilizamos aos nossos jovens e que indicam a aceitação social da nossa oferta formativa; pela receptividade da sociedade aos nossos graduados; pelo valor que as empresas reconhecem ao conhecimento que criamos.

Enfim, pelo reconhecimento social da nossa função.

A Universidade de Lisboa percorreu agora os primeiros passos de um novo caminho. É certamente um caminho alicerçado em cem anos de trabalho. Somos herdeiros de uma secular tradição académica de investigação com qualidade.

O que faz hoje a diferença não são só os centros de investigação, os mais de 5 000 docentes, investigadores e funcionários administrativos e técnicos, os cerca de 4 000 estudantes de doutoramento que aqui realizam diariamente trabalho de investigação. Sequer os 50 000 estudantes.

A grande diferença é a vontade de querer fazer sempre melhor.

A diferença aparece também nos métodos de trabalho: nas redes temáticas interdisciplinares, na constituição dos Colégios e na articulação de vontades.

A diferença evidencia-se quando nos associamos a outras Universidades, aliando parcerias estratégicas com a administração central e as melhores Escolas europeias.

A diferença constrói-se quando alicerçamos estratégias de desenvolvimento e respostas a desafios sociais.

A diferença vive-se no desenvolvimento de eixos de investigação e inovação em áreas centrais para a estratégia nacional de especialização inteligente, como já estamos a fazer, nomeadamente nas redes temáticas interdisciplinares.

A Universidade de Lisboa é hoje uma das melhores e maiores Universidades de Língua Portuguesa. É o que dizem os rankings internacionais mais conceituados.

Permitam-me destacar o lugar 200 no ranking de Xangai, a nível mundial, a 13ª posição da nossa Engenharia e o 21º lugar da nossa Matemática, na Europa.

Nunca na nossa história nenhuma Universidade portuguesa atingiu a projeção internacional que hoje atinge a nossa Universidade.

Mas não nos podemos acomodar.

O futuro exige uma identificação precisa dos desafios que se colocam e uma posição clara sobre as opções da Universidade.

Precisamos tirar partido da diversidade extraordinária que a nova Universidade disponibiliza, procurando que os nossos estudantes possam ter uma formação mais rica e mais coerente.

Precisamos de repensar os modelos segundo os quais nos organizamos e a forma de os tornar mais eficientes.

É essencial lançar uma estratégia de internacionalização que permita dar consistência ao nosso lema " de Lisboa para o Mundo". Atrair mais e melhores professores e cientistas, e melhorar a nossa capacidade de trabalhar com as empresas e o exterior, dando resposta aos principais desafios sociais.

Precisamos de garantir aos nossos jovens uma educação global, que repudie as visões paroquiais, da Universidade, do País e do Mundo. Educar para ser cidadão. Cidadão do mundo, num mundo sempre novo, rápido, globalizado.

A internacionalização começa nos nossos estudantes. O programa Erasmus, uma das mais felizes realizações da Europa, permite aos nossos jovens viver o mundo como a sua casa.

Precisamos de exigir mais de nós próprios e consolidar uma cultura de exigência e avaliação, essencial à melhoria do funcionamento e do trabalho que desenvolvemos.

Precisamos de garantir que existe uma melhor percepção social dos objectivos da Universidade e do seu alinhamento com as principais necessidades de desenvolvimento do país.

Temos de preservar o património que é a Língua Portuguesa. A nossa língua alarga o exíguo território geográfico de Portugal aos diversos continentes por onde se encontra dispersa.

Temos de garantir o desenvolvimento do conhecimento e da tecnologia em áreas essenciais para o país.

Temos de dotar os nossos estudantes de sólidos conhecimentos humanistas.

É esta a nossa principal missão.

A educação continua a ser o mais importante fator de justiça e mobilidade social. A todos temos de garantir esse direito.

É esta a nossa força. É esta a nossa obrigação. É este o maior património da Universidade de Lisboa.

Não deixemos que o futuro aconteça sem a Universidade.